

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 10, número 2 (2019)  
ISSN: 2177-2886

## Resenha

### Mulheres Deusas: Como as Divindades e os Mitos Femininos Formaram a Mulher atual, de Renato Nogueira

*Diosas: Cómo las Deidades y los Mitos  
Femeninos Formaron la Mujer Actual, de  
Renato Nogueira*

*Goddess Women: How Female Deities and  
Myths Formed the Present Woman, by Renato  
Nogueira*

**Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini**  
Universidade Federal do Tocantins - Brasil  
rosemberggeo@mail.uft.edu.br

Como citar este artigo:

FERRACINI, Rosemberg Aparecido Lopes. Mulheres Deusas: Como as Divindades e os Mitos Femininos Formaram a Mulher atual, de Renato Nogueira. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 261 - 265, 2019. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

*Para Naira Renata: irmã de sangue, irmã-de-santo, de guerra, de risos e choros, de história e geografias na caminhada da vida.*

Renato Nogueira é professor e pesquisador de Filosofia nos estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Atua como coordenador de Grupos de Pesquisas no campo da Educação e Infância, Filosofias Africanas, Saberes e Interseções na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Renato faz parte de uma geração que batalha por um outro olhar a respeito de nós e do outro. Sua luta contra o racismo e a discriminação faz de suas obras um ato político e espiritual talentoso, corajoso a ser utilizado em sala de aula e nas rodas de conversas familiares.

O livro 'Mulheres deusas' vem ao público questionar e se posicionar a respeito da geografia do patriarcado na sociedade atual. O texto reforça o protagonismo das heroínas nas diferentes sociedades no mundo. Fundamentado em algumas teorias da filosofia, sociologia e psicologia, a redação da obra possibilita um outro olhar para o entendimento do universo feminino.

Uma das suas bases é a filósofa Beauvoir, autora que questiona a construção da condição feminina, o determinismo biológico e demais debates que passam pelo sexismo e masculino. O papel da linguagem é fundamental na construção de tais conceitos. Em sua redação, nas tramas e aventuras de rainhas nas geografias no mundo, pelas análises e reflexão dos arquétipos, o autor busca apoio em Reginaldo Prandi, Mircea Eliade, Carl Jung, Marcel Detienne, Roger Wright, e Clyde Ford.

Sua narrativa espacializa e fortalece as personagens heroínas no campo político dos diferentes territórios questionando o poder, a submissão e a violência posta historicamente a elas. Analisa as ideologias geográficas do gênero feminino presentes no corpo, na mente e no coração das guerreiras. Problematiza o lugar da fêmea humana e enaltece sua valorização nas estruturas econômicas na sociedade.

A obra está dividida em mitologias “gregas, iorubás, judaico-cristãos e guaranis”, que discorrem e questionam o poder dos homens na estrutura da organização social contemporânea. No conjunto das formas de “ser mulher”, encontramos o modo de como o “outro”, nesse caso o macho, buscou qualificar a condição do outro e como essa vem se pondo no mundo.

Na primeira parte do livro, o autor traz como que a dita superioridade masculina foi enaltecida no chamado berço da humanidade, a Grécia antiga. Seus registros iniciam com a 'Teogonia' de Hesíodo do século VIII a.C, passando pelo arquétipo de Héstia, a senhora que questiona o papel do gênero como senhoras do lar. Héstia é aquela que introduziu a perspectiva feminina nos cuidados do espaço, da socialização, de sua naturalização, o zelo da casa e demais cuidados domésticos. As análises passam pela Ártemis, a grande, como o deus Apolo, o mito Órion e todo patriarcado. No diálogo entre Hera e Zeus, masculinidade e feminilidade, esposa e amante, encontramos as belezas e as guerras de um casamento. As denominações ficam entre a masculinidade tóxica e a feminilidade desvalia. Os sentimentos de ciúme e a guerra tomam

conta do infiel deus do Olimpo, Zeus, que se entrega aos encantos da amante Io. Há disputa feminina entre Atena, Afrodite e Hera. Tem-se Beleza, Amor e Maternidade e sabedoria, guerra e glória. Entre essas encontramos a representação do poder da beleza juvenil se confrontando com a velhice ao papel das bruxas. Nos indagamos se seria realidade ou ficção o interesse dos homens mais fortes em conquistar as mais belas jovens. Entre amores, de uma paixão incestuosa nasce Medusa. Sua beleza era tanta que encantava deuses e mortais.

Outros temas como maternidade, vida pessoal e relacionamento profissional estão na forma de amar e desejar na condição feminina. A narração da condição humana entre a luxúria e política, maternidade e cria passa por Perséfone, Deméter, Core e Hades. Instintos maternos ou criação social é o conflito de Liríope. Em um contexto patriarcal a ser rompido, temos a contradição entre amor e beleza, donas e chefes da casa estão presentes nos estigmas das jovens. Em leitura e análise desse capítulo podemos perceber que tais questionamentos fazem pesar entre gestação ou condição social presentes nas espacialidades das feministas dos séculos passados e ainda hoje.

O segundo mito, os iorubás, está relacionado a região do hoje, do que temos como Nigéria, Togo, Gana, Benim, dentre outros países da África Ocidental. Uma de suas bases teóricas é a socióloga nigeriana Oyèrònk Oyewùmí, em que a sua narrativa caminha pela antropologia matrifocal, em que a família é protagonizada pela mulher. Nesse sentido, a valorização do espaço e o controle da vida familiar estão em suas mãos. Orixás e rainhas são classificadas pelo povo ioruba entre as divindades gestadas e geradoras. Baseado na história oral, a força vital de existir está relacionada ao “poder de existir” e ao “poder essencial” da vida em movimento. Os orixás também simbolizam atributos humanos, a título de exemplo tem-se a maternidade, paternidade, vaidade, guerra, ciúme, inveja, malícia, sabedoria, dentre outros. Oxum, Exu e Orunmilá versam a respeito da fertilidade, a dominação masculina e o conhecimento. O controle do território e sua hierarquia de gênero estão relacionadas aos caprichos da vida. A autonomia entra nas relações dos serviços domésticos, na alimentação da casa e na relação com os filhos.

As ideologias geográficas se entrelaçam com o tema do casamento; o lar, os posicionamentos machistas, as relações assimétricas com a masculinidade e feminilidade passam por Iemanjá e Oroquê. Nanã, Oxumarê e Obaluaê trata da relação mãe e filho, o poder sobre a terra, a água e o ar, os alimentos e todo cuidado com as atividades domésticas. Quando se fala em rivalidade e amizade feminina, temos Oxum, Iansã e Obá na disputa dos alimentos, na atenção do esposo, o controle político e social do casamento e do espaço de poder na composição das guerreiras. Entram nessa narrativa reis, filhos, reinos, governos, a morte e a vida. De beleza fenomenal, sedutor, corpo lindo e com as cores do arco-íris, diferentes gêneros se aproximam de Oxumarê para conquistá-lo, namorá-lo ou esposá-lo. No entanto, Oxumarê preferia a solidão.

Com narrativa poética o texto traz a diversidade sexual, a relação de si com o outro, a sexualidade, o confronto de identidade, orientação sexual, o sexo biológico e demais temas atuais do século XXI. É preciso registrar que grande parte desses saberes, ritos e tradições religiosos foram mantidos, guardados e

repassados pelas mulheres durante e pós o período escravocrata. Nesse mito temos uma perspectiva decolonial de construção do mundo. Percebemos um esforço do autor em dar visibilidade e força no combate ao racismo institucional que cerca as religiões de matriz africana.

O capítulo 'Judaico Cristãos' tem como base o texto de Andreia Maria Marques e Henrique Carneiro e da Bíblia (*Gênesis*), que narra a criação do mundo, dos animais e do ser humano. Registram a origem dos céus e da terra: Deus criou o homem a sua imagem. E o Senhor Deus declarou: "Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda". Logo, baseado em estudos iconográficos e apócrifos o autor problematiza a respeito das interpretações de uma possível mulher anterior a Eva. Lilith foi criada do barro junto a Adão, mas negou-se a deitar com ele, sendo resistência ao seu domínio e superioridade. Esse debate passa pelos séculos VII e VI a.C, nas versões do cristianismo, no livro de Isaías, nas diferentes traduções em que seu nome foi suprimido e transformado em "animal noturno" ou "coruja". Até que na metade do século XVI, a Igreja Católica Romana, em uma das traduções da Bíblia do latim, a palavra Lilith desaparece.

As narrações passam pelas leituras socioespacial feminista em que Lilith não aceitou a submissão de Adão e teve que deixar o Éden. Outros dizem que Lilith é a sujeita que aparece como demônio, rebelde diante das ordens divinas por não aceitar a subversão da relação de gênero. Até que surge Eva, assumindo o papel de harmonia da natureza, o pecado e a submissão. Aceita o papel de esposa, mãe, a sujeita manipuladora e dissimulada por excelência. Nos textos bíblicos o termo mulher aparece como "dona de casa", "mãe". A dicotomia, a inferioridade, punição e hierarquia é estabelecida, com dores no parto, o pecado e o silêncio, cabendo a essa os cuidados da casa. O que está em jogo na cultura judaico-cristã é que ela deve assumir o pecado, aceitar a submissão e a inferioridade. Fato é que nenhum livro bíblico é atribuído a alguma mulher. Por outro lado, encontramos homens que tiveram diversas esposas e haréns. Temos as críticas verbais e as agressões físicas, o pecado em viver com a culpa. Qual o modelo ela deve se comportar no seu caráter feminino, Eva ou Lilith?! Nesse capítulo observamos o direito de ser soberana e suas reivindicações na ocupação do espaço. Tais heranças e valores morais referentes a mulher são recorrentes até os dias de hoje.

No quarto e último mito, "Guaranis", em minha modesta opinião, por questões políticas e culturais, o livro poderia começar e aprofundar por essa perspectiva e em sequência dos iorubás. Claude Levi Strauss, Maria Inês de Mello, Tania Stolze Lima e Darcy Ribeiro poderiam ser explorados. Elenco alguns motivos, fato é que esses povos historicamente são os primeiros a ocuparem o que hoje denominamos de território brasileiro, assim como também território de outros países vizinhos. No seu tronco linguístico "povos guaranis", temos os *kaiowá*, *mbyz* e *nhandeva* que tem forte influência no português brasileiro. Na representação guarani encontramos divindades dos ventos, da neblina, do fogo e dos ruídos, do sol e das palavras, das águas, do mar, chuvas e trovões.

Nos guaranis temos elementos psicológicos e filosóficos explícitos da tensão entre Iara e seus irmãos. Nhanderu criou Iara para proteger o reino das águas, rios, lagoas e a neblina. É a senhora das águas, presente nos contos de

Câmara Cascudo. Suas características são o poder do “ouvido longo”, o cuidado nas ações, prudente, resistente nas ações do pai e astuta nas emboscadas dos irmãos. Essa recebe maior atenção do pai, o que gera ciúmes entre os irmãos que disputariam o seu lugar. Entretanto, Iara era aquela que tinha a maior posição de liderança.

De beleza invejável, Iara foi motivo de briga e ciúme, o que provoca o desejo, entre os irmãos, de matá-la. Mas a ingenuidade foi tanta que o plano dos irmãos não deu certo, Iara foi mais inteligente. Como castigo o pai a perseguiu e a transformou na mulher-peixe que atrai homens para o fundo dos rios. As relações natureza e sociedade andam juntos, sendo um complemento do outro. Temos a água, o rio, a vida e a alma humana.

Outras deusas são Naiá e Jaci, ligadas a vitória-régia, simbolizando a dança entre seus corpos. Em alguns escritos, essa mitologia simboliza o encontro de duas divindades, em outros é o masculino e o feminino, a lua e o sol. Temos a personificação que trata do amor, da relação afetiva-sexual entre duas mulheres, a libertação, as conquistas femininas e seus direitos. Como registrado anteriormente, penso que o autor poderia aprofundar as referências de as nossas heroínas indígenas, passando pelos tupis, Mbayá, Guaikuru e Payaguá. Trazer novas e diferentes leituras e pesquisas das guerreiras Ianomâmis, Caiapós, Tupinambás, Bororos, Zoes, Xavantes, Munducurus, Xucurus ou Uianas, dentre outras dezenas ou centenas de povos que habitaram o Brasil e ainda resistem a colonização. Em períodos de geografia de lutas, a obra de Renato Noguera faz parte da bibliografia no processo de ensino e aprendizagem das ações afirmativas. Podemos falar de uma nova geopolítica a ser fortalecida no campo dos saberes do pensamento humano. 'Mulheres deusas' nos faz pensar, questionar nosso lugar no/do mundo. Nos ajuda na construção de novas heroínas, símbolos e protagonistas de referências femininas.

### **Referências**

NOGUERA, Renato. **Mulheres Deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual**. 1º ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

Recebido em 07 de dezembro de 2018.

Aceito em 09 de junho de 2019.

**Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini**

